

Bruno Silva Portela Lopes

**Ensino de geografia e formação cidadã: a experiência
do “Projeto Nós Propomos!” no Colégio de Aplicação
da UFSC**

Bruno Silva Portela Lopes

**ENSINO DE GEOGRAFIA E FORMAÇÃO CIDADÃ: A EXPERIÊNCIA DO
“PROJETO NÓS PROPOMOS!” NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC**

Trabalho Conclusão do Curso de
Graduação em Geografia do Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do
Título de Bacharel em Geografia

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena
Lenzi

Coorientadora: Profa. Dra. Sandra
Mendonça

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lopes, Bruno Silva Portela

Ensino de geografia e formação cidadã: a experiência do
"Projeto Nós Propomos!" no Colégio de Aplicação da UFSC /
Bruno Silva Portela Lopes ; orientador, Maria Helena
Lenzi, coorientador, Sandra Mendonça, 2018.
58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

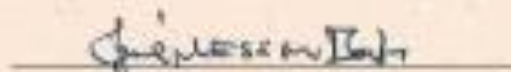
1. Geografia. 2. Projeto Nós Propomos!. 3. Ensino da
Geografia. 4. Internet e mídias digitais. 5. Ensino médio
no Brasil. I. Lenzi, Maria Helena. II. Mendonça, Sandra.
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Geografia. IV. Título.

Bruno Silva Portela Lopes

**Ensino de Geografia e formação cidadã: a experiência do "Projeto Nós Propomos!" no
Colégio de Aplicação da UFSC.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de
"Bacharel em Geografia" pela Universidade Federal de Santa Catarina e aprovado em sua
forma final pelo Programa de Graduação em Geografia.

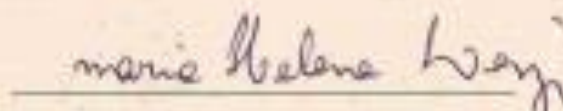
Florianópolis, 22 de outubro de 2018.



Prof. Dr. José Messias Bastos

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



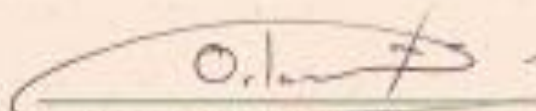
Profa. Dra. Maria Helena Lenzi (orientadora)

Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Dra. Sandra Mendonça

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Orlando Ednei Ferretti

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Me. Márcio Marchi

Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho a todos que
contribuíram direta ou indiretamente
em minha formação acadêmica, em
especial a minha mãe, Beatriz Maia
da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Maria Helena Lenzi, minha orientadora, assim com a professora coorientadora Sandra Mendonça, pelo apoio recebido nesta jornada.

Aos meus amigos e incentivadores: Pablo Brum, Jonathas Medeiros, Ana Carolina Franco, Lena Perdomo e Luciane Ventura.

Aos demais professores que me apoiaram durante a formação.

RESUMO

O presente trabalho trata dos desafios do ensino da Geografia no ensino médio brasileiro em despertar o interesse, a visão crítica e a participação cidadã dos jovens estudantes. Apresenta a experiência do Projeto Nós Propomos, de origem portuguesa, que tem como foco principal a formação da consciência cidadã do aluno no que diz respeito às questões espaciais das comunidades em que vivem e a eficácia da interação da escola com o poder público e privado, como no caso de Portugal, com a comunidade e com a universidade na formação de jovens cidadãos. Mostra a implantação desse projeto no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e em escolas públicas do estado do Tocantins. Também aborda o papel do professor e da escola na formação dos alunos com o uso criativo da internet e de mídias digitais nas práticas de ensino da Geografia.

Palavras-chave: 1.Educação Geográfica 2. Formação cidadã 3. Práticas digitais 4. Nós Propomos!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Condição de atividade	13
Figura 2- Título, data, turma e componentes do grupo.....	26
Figura 3- Levantamento dos problemas identificados.....	26
Figura 4- Fotos para as propostas dos problemas identificados.....	27
Figura 5- Sensibilização para os problemas encontrados.....	27
Figura 6- O resultado final de 2017.....	33
Figura 7- Localização geográfica da casa de passagem através do Google.....	34
Figura 8- Sugestão para alteração do espaço externo.....	35
Figura 9- Conclusões a que o grupo chegou.....	36
Figura 10- Proposta elaborada pelo grupo.....	36
Figura 11- Alunos do Colégio de Aplicação na oficina de geoprocessamento	40
Figura 12- Descrição do local a ser trabalhado	43
Figura 13- Usando o Google Earth para localizar o bairro.....	44
Figura 14- Croqui da proposta elaborado pelo grupo da área.....	45
Figura 15- Elaboração de gráfico a partir das entrevistas.....	46
Figura 16- Google Earth com o uso de polígonos.....	46
Figura 17- Página criada para comunicação com o público.....	47
Figura 18- Localização do bairro no Google Earth.....	48
Figura 19- Problemas observados no bairro.....	48
Figura 20- Gráfico construído a partir das entrevistas realizadas...	49
Figura 21- Localização do bairro utilizando o Google Earth	50
Figura 22- Imagem do Google mostra construção em desacordo com a legislação em relação à margem da Lagoa.....	51
Figura 23- Publicação no Instagram.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	10
2.1 Desafios do ensino de Geografia.....	10
2.2 Estudos sobre juventude contemporânea no Brasil.....	12
2.3 A contribuição da Geografia na formação cidadã.....	14
3. O PROJETO NÓS PROPOMOS!.....	19
3.1 O Projeto Nós Propomos! em Portugal.....	19
3.2 O Projeto Nós Propomos! no Brasil.....	27
4. A EXPERIÊNCIA DO PROJETO NÓS PROPOMOS! NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO NO ANO DE 2017.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE	57

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar questões sobre o processo de ensino-aprendizagem da Geografia nas escolas de ensino médio do Brasil. Analisa a experiência do Projeto Nós Propomos!, idealizado em Portugal, que está sendo implementado desde 2012 em algumas escolas brasileiras, com foco na formação da consciência cidadã do aluno no que diz respeito às questões espaciais das comunidades em que vivem.

O ensino da Geografia, assim como o de outras ciências, passa pelo grande desafio de despertar no jovem estudante o interesse pela participação. A internet, as redes sociais, os aparelhos eletrônicos cada vez mais sofisticados e acessíveis e a informação em tempo real, possibilitam novas abordagens de ensino que, alinhadas ao processo de aprendizagem, podem estimular o interesse dos alunos.

O Projeto Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica foi idealizado pelo professor Sérgio Claudino da Universidade de Lisboa, instituição reconhecida internacionalmente por ser um centro de referência na investigação científica¹. O projeto tem como objetivo principal trabalhar na formação de cidadãos ativos e críticos, que olham o seu entorno identificando os problemas e também propondo soluções, que analisam a qualidade das políticas públicas que devem estar a serviço da população, contribuindo assim para o bem-estar da comunidade. As soluções encontradas deverão estar de acordo com o Plano Diretor Municipal para que as propostas sejam viáveis e, desse modo, mostrar ao jovem a importância de sua participação.

O trabalho apresenta a metodologia usada em Portugal (Lisboa, escolas da Região Autónoma dos Açores e da Região Autónoma da Madeira e a Universidade Sênior Intergeracional de Agualva-Mira em Sintra)², no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina de Florianópolis e no Tocantins (nos municípios de Palmas, Gurupi e Araguaína), assim como as

1 <https://www.ulisboa.pt/>

2 <http://nospropomos2016.weebly.com/o-projeto.html>

parcerias realizadas com a comunidade, o poder público e privado e a universidade.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

2.1 Desafios do ensino de Geografia

O ensino de Geografia, assim como o de outras ciências, atravessa um grande desafio que é, nos tempos atuais, fazer com que os jovens tenham interesse e participem nas questões de cidadania, que sejam críticos não só de assuntos referentes a sua espacialidade local, mas também em relação à sua cidade e ao seu país. Esses assuntos devem ser tratados de maneira que o jovem estudante seja atuante e capaz de expressar de forma pertinente os conceitos que dizem respeito à espacialidade. Nesse sentido, a necessidade de alinhamento das práticas escolares com a realidade do aluno, expressa em suas vivências, o que pode facilitar o seu processo de aprendizagem.

Em geral, as turmas em sala de aula são heterogêneas, apresentam características que contribuem para a experiência espacial dos alunos. Podemos observar nas cidades brasileiras as constantes alterações provenientes de iniciativas governamentais, ou mesmo das populações locais que influenciam diretamente na organização espacial onde os alunos vivem. Essa diversidade na sala de aula propicia diferentes olhares que podem enriquecer as abordagens pedagógicas dos educadores. As cidades brasileiras, no geral, apresentam espaços de grande densidade, a chamada periferia, composta de muitos loteamentos irregulares com áreas de urbanização precária e muitas vezes subutilizadas. Outras áreas são praticamente exclusivas de um público de elite, com condomínios de luxo ou pequenas áreas rurais onde se encontram sítios de lazer e residências de fim de semana. Um bom exemplo de ocupação desordenada são as favelas do Rio de Janeiro que apresentam uma realidade preocupante no cenário brasileiro, exigindo atenção e estudos urgentes para a tomada de decisões públicas e privadas que visem, pelo menos, o não agravamento da urbanização caótica destes locais (SOUZA, 2008). É nesse cenário que o jovem contemporâneo está inserido e tem suas experiências

espaciais. Muitas vezes, a comunicação social dos alunos se dará exclusivamente no espaço do bairro e no entorno onde vivem: lá estudam, se relacionam com os demais, vivenciam as atividades proporcionadas aos moradores, consomem aquilo que está no comércio local e executam trabalhos, ou “bicos”, em sua maioria informais. Nesses locais esses jovens serão reconhecidos. É nesse contexto o que emerge o importante papel do ensino de Geografia em formar cidadãos.

Assim, o cidadão democrático, ativo, criativo e consciente de seus direitos/deveres, necessita conhecer a cidade, compreendê-la com profundidade, decifrar seus símbolos, desenvolver um sentido ético e estético sobre ela, para que possa lutar e conquistar seus direitos cívicos e sociais e cumprir com os seus deveres, individual e coletivamente. Como afirma Santos (1987), a cidadania se aprende, e sem essa aprendizagem a cidade se converte em conjunto de “signos aparentemente descontraídos”, que atuam em concerto, para limitar mais que para facilitar, tornando as pessoas impotentes diante dos objetos e das ações produzidas (CAVALCANTI, 2011, p.54).

O entendimento do comportamento do jovem no seu bairro, na sua cidade, as práticas que ele realiza nesses locais, os seus desejos, podem facilitar a compreensão da relação entre professor e aluno no contexto escolar. Hoje já existem práticas de ensino de Geografia que consideram as singularidades dos jovens: com o alinhamento dos conteúdos e práticas à espacialidade do estudante, aumenta o interesse do aluno sobre a temática trabalhada no contexto da disciplina geográfica. A escola é o local de confluência dos interesses sociais e individuais dos alunos, preparando-os como cidadãos comprometidos não só com as suas individualidades, mas também com a cidadania, que vai proporcionar a sua participação na comunidade. A responsabilidade da escola no processo de formação de cidadãos é ímpar, devendo as ações propostas estarem em comum acordo com os alunos, fazendo com que eles participem ativamente, mantenham o interesse nos conteúdos, discutam e cheguem a conclusões próprias sobre os temas trabalhados. O professor provoca seus alunos para as ações que possam transformar positivamente a realidade em que vivem.

2.2 Estudos sobre juventude contemporânea no Brasil

Para traçar um perfil da juventude contemporânea no Brasil, em outubro de 2004, foi organizado o I Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira (JUBRA) no Rio de Janeiro. O Simpósio foi uma iniciativa multidisciplinar, inédita, onde vários profissionais, estudantes e jovens se reuniram e algumas questões quanto ao perfil do jovem estudante contemporâneo brasileiro foram levantadas. Observa-se que o jovem é crítico, questionador e confronta em muitas situações diversos pontos de vista.

O espaço escolar pode ser um ambiente adequado para que esse aluno aprenda a respeitar e também para que seja respeitada a sua diversidade, retirando rótulos, por exemplo, estabelecidos com referência a classe social:

[...] é também bastante comum distinguir-se os jovens e suas características pela classe social. Assim, jovens pobres são comumente mais relacionados à delinquência, desajuste, violência [...] enquanto jovens de classe média e alta, a crises de identidade, à “boa vida”, à “curtição” [...]. (CAVALCANTI, 2011, p.38)

Em relação às atividades laborais, sabe-se que lamentavelmente a população de crianças e adolescentes brasileiros também faz parte do contingente da força trabalhadora do país, e que, na prática, lugar de jovem não é somente na escola, mas como ambulantes nos semáforos, nas ruas e nas praias, ou pior ainda, segundo a pesquisa em 2014 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), muitos desempenham funções no tráfico de drogas³.

Em 2013 foi elaborada a Pesquisa Nacional Sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros, de responsabilidade da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) da Secretaria Geral da Presidência da República⁴, que contou com o apoio da Unesco Brasil (Figura 1). Os resultados encontrados foram:

Normalmente se percebe o jovem apenas na sua condição de estudante. Mas quando se observa o conjunto da população juvenil brasileira, em relação à sua condição de atividade, nota-se que ela está mais presente no mundo do trabalho (74%, sendo que 53% trabalha e 21% procura trabalho) do que na

3 <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/84034-traffic-de-drogas-e-o-crime-mais-cometido-pelos-menores-infratores>

4 http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/estatisticas/agenda_juventude_brasil_vs_jan2014.pdf

escola (37%). É importante anotar também que mais de um quinto desses jovens vivem conjuntamente os dois mundos, ao conciliar escola e trabalho (14%) ou ao procurar trabalho enquanto estuda (8%). Os dados são semelhantes àqueles levantados pelo Censo 2010, que apontam 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos trabalhando e 36% estudando. A proporção daqueles que estão simultaneamente no mundo da escola e no mundo do trabalho também é coerente com os dados da pesquisa: 22, 8%.

Figura 1: Condição de atividade, PEA – População Economicamente Ativa.

Estimulada e única, em % / Base: Total da amostra.



Fonte: Agenda Juventude Brasil, 2013, SNJ.

De acordo ainda com a mesma pesquisa (SNJ), a juventude brasileira não vê temas relativos a educação como seu foco principal, o que pode ser explicado em função de que, no geral, eles apresentam grau de instrução mais elevado do que o de gerações anteriores, mas que, de qualquer forma, é um dado preocupante. O jovem dá mais atenção a questões de violência, de emprego ou de profissão, Brasil (2013).

A professora Lana de Souza Cavalcanti completa:

Numa tentativa mais generalizante, e que nos dá pistas iniciais de compreensão dos alunos, alguns traços da cultura de jovens escolares no contexto contemporâneo, podem ser destacados (Libâneo, 2006): uma forte relação com os meios de comunicação e informação, resultando em subordinação à moda e aos padrões de consumo; a realização cotidiana de multitarefas; um comportamento de hedonismo, ou seja a busca

prioritária de prazer individual e imediato; intolerância à frustração; uma ética predominantemente individualista; uma frequente banalização do amor e do sexo; fascínio por imagens e mensagens violentas e aversão às relações hierárquicas, valorizando a prática de relacionamento horizontal (com amais que com os pais e com a escola) (CAVALCANTI, 2011, p.39).

2.3 A contribuição da Geografia na formação cidadã

O grande desafio da educação na atualidade começa nas universidades, na formação dos professores. Com a Geografia não é diferente: antigas metodologias vêm sendo abandonadas, enquanto outras são adaptadas a novas práticas pedagógicas que estão sendo criadas. O professor tem a oportunidade de criar práticas inovadoras usando tecnologias que antes seriam impensáveis. Tabelas e gráficos, por exemplo, são elaborados nos mais diversos formatos, bastando o programa adequado e a inclusão dos dados. A professora Zilá Mesquita, no artigo Sobre Diferenças no Ensino, afirma:

Ainda hoje, creio na importância dessas duas perspectivas por deterem-se em dois constituintes sempre presentes e “intimamente mesclados”, mas, às vezes, esquecidos da aprendizagem: a emoção e a razão. Ou seja: só auxiliaremos nosso aluno a aprender e só aprenderemos nós mesmos, sob duas condições. Por um lado, se houver um “motivo” que nos interesse para isso e formos criar “profecias auto realizadoras” sobre o que aprender e sim nos propusermos tarefas envolventes. De outro lado, o trabalho só terá sentido se este motivo for capaz de mobilizar o intelecto na curiosidade, na organização e na sistematização de conceitos. Em outras palavras: quando quem aprende deixa de ser um mero recipiente de conteúdos e passar a ser um sujeito ativo e construtor de sua aprendizagem (MESQUITA, 1998, p.155).

A tecnologia, como muitos pensavam, não substitui o papel presencial na formação do jovem aluno, mas possibilita que o educador assuma um importante papel de mediador na formação e construção do processo de ensino/aprendizagem. O acesso à informação através de mídias digitais também possibilita estudo multidisciplinar. O professor terá a seu alcance conteúdos atualizados, catalogados, que estão relacionados com a Geografia e que podem motivar o interesse dos estudantes e ampliar a sua compreensão.

O professor, além de saber Geografia, vê agora a necessidade de adequar o conteúdo ao perfil do aluno com todas as suas diferenças, e ainda

buscar adequá-los às ferramentas disponíveis na escola, como sintetiza de forma clara o professor Castrogiovanni:

É fundamental um professor de Geografia *saber* Geografia teoricamente, metodologicamente e epistemologicamente. É impossível um professor não ser criativo num mundo onde a *diferença* faz a *diferença* e a busca pelo ato criativo inicia-se na preparação de questionamentos sobre a própria existência do fazer pedagógico (CASTROGIOVANNI, 2011, p.65).

As ferramentas tecnológicas estão aí: computadores, tablets, smartphones, mas junto com os novos desafios surgem também novos problemas. A promessa é que a tecnologia traga alternativas efetivas para trabalhar as grandes adversidades da educação. A internet aproxima a realidade espacial do aluno à escola. Práticas podem ser compartilhadas entre escolas, entre distintas realidades, o que pode proporcionar um alargamento das experiências do professor e do aluno. Para que os recursos estejam disponíveis são necessárias políticas públicas voltadas para este setor, disponibilizando equitativamente recursos materiais de qualidade, formação sempre atualizada dos profissionais em educação e adequação para a realidade espacial do aluno.

Com a internet, existe a possibilidade de aprendizagem em tempo real. Isso, se corretamente aplicado, pode gerar no aluno um interesse maior, por se tratar de assuntos relacionados ao seu dia a dia. O educador passa a ter condições de saber exatamente os assuntos relevantes que são comentados em sala de aula e que se relacionam com a escola, comunidade ou bairro. Tanto os problemas, quanto os acontecimentos sociais, artísticos, culturais e esportivos.

Segundo Oliveira:

Em países desenvolvidos economicamente, a revolução cartográfica implica mudanças tecnológicas, formas de aprender e ensinar que envolvem cada vez mais o uso de novas tecnologias da comunicação e informação, os mapas estão na internet, os alunos podem mudar e alterar esses documentos, existem múltiplas possibilidades de interação e visualização, o que não era possível com os mapas em formato papel. Atualmente os mapas estão em formato digital - são quase invisíveis, estão apenas na tela do computador - e só podem ser vistos no computador, os

alunos e professores podem criar e desenvolver novas habilidades com esses recursos (OLIVEIRA, 2011, p.168)

Podemos dizer que a internet é uma ferramenta imprescindível para a comunicação. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua- PNAD Contínua do segundo semestre de 2016, mostram que 81,2% dos estudantes com mais de 10 anos já tinham utilizado a Internet. Com as facilidades dessa tecnologia, práticas importantes como o geoprocessamento, os games educativos e até a TV Digital estão ao alcance dos professores para deixar suas aulas atraentes e efetivamente despertar no aluno o interesse pelos conteúdos com o uso dessa linguagem tão familiar nos dias atuais. No próprio site do IBGE é possível encontrar um vasto material de ensino e de pesquisa atualizados, em conformidade com o currículo estabelecido pelo MEC, numa plataforma especial para alunos e professores, com destaque para o Atlas Geográfico Escolar⁵, de acesso gratuito.

O Geoprocessamento⁶, que é integrante do Sistema de Informações Geográficas-SIGs, leva a tecnologia para a sala de aula, ampliando as possibilidades da aprendizagem da geografia. Ao fazer a coleta de imagens espaciais via satélite, permite, por exemplo, que os alunos façam estudos sobre as transformações dos espaços ao longo do tempo, realizem estudos sobre a densidade populacional, a hidrografia, o desmatamento e permite ainda ser traçado um comparativo com outros locais. O Google Earth⁷ é um programa acessível que trabalha com imagens obtidas por satélite, pode ser baixado de forma gratuita, bastando o acesso à internet e se mostra um meio de estudos e pesquisa bem atrativo nas escolas. Disponibiliza imagens tridimensionais e com o recurso chamado de Street View, tem a facilidade de integração com

5 <https://atlasescolar.ibge.gov.br/>

6 http://www.dpi.inpe.br/spring/portugues/tutorial/introducao_geo.html

7 <https://www.google.com/earth/>

fotografias, possibilitando o estudo de ruas, bairros e lugares mais distantes, dependendo do interesse dos alunos, como se eles estivessem no local.

Os games chamam a atenção dos jovens por apresentarem uma linguagem bem atual e desafiadora. Trazem temas como cidadania, política, ciências, artes e atualidades em forma de jogos, pelos quais o aluno é estimulado a pesquisar e interpretar os conteúdos passados, saber aplicá-los de maneira crítica e criativa e verificar os resultados obtidos.

Como exemplo, temos o **Cidade em Jogo**⁸, que é um game educativo desenvolvido pela Fundação BRAVA e pelo Brazil Institute do Woodrow Wilson Center e que auxilia os professores na abordagem de temas relacionados à cidadania e educação política em sala de aula, ao mesmo tempo em que estimula o pensamento crítico dos alunos.

O game **Conflitos Globais**⁹, que aborda lições de História, Geografia e Religião, apresenta a busca de um jornalista, que é o jogador-aprendiz, se deparando com diversos pontos de vista e que está em busca da história real.

Outro sucesso do momento é o jogo **"Poder e Decisão"**¹⁰, desenvolvido na Universidade Positivo que simula debates e disputa pelo poder no Legislativo, Judiciário e Executivo. O formato é em RPG (sigla inglesa de Role-Playing Game, que em português significa "jogo de interpretação de personagens"). Segundo os idealizadores, o jogo ensina como funcionam os três poderes no Brasil: Executivo, Legislativo e Judiciário. Foi pensado a partir das dificuldades que os alunos tinham de entender essa matéria. A maneira que encontraram foi fazer com que os alunos assumissem os papéis dos detentores dos cargos. Eles recebem uma carta com a característica do seu personagem e, a partir das funções estabelecidas em lei, começam a agir dentro do processo democrático com estudos, audiências públicas e consultas populares. No jogo,

8 <http://cidadeemjogo.org.br/>

9 <http://www.usp.br/aun/antigo/exibir?id=3320&ed=506&f=1>

10 <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/jogo-de-rpg-ensina-como-funcionam-os-tres-poderes-0v78nsssw95e8kynv7mvayr6u>

o aluno é estimulado a se organizar, se inteirar dos conteúdos, respeitar as regras, entender os seus parceiros e é desafiado a obter os melhores resultados.

De acordo com as professoras Sonia Maria Vanzella Castellar, Jerusa Vilhena de Moraes e Ana Claudia Ramos Sacramento:

[...] quando se utiliza o jogo em uma atividade de ensino, deve-se ter presente a necessidade de possibilitar ao aluno a criação e a execução de tarefas que o levem a chegar ao resultado final (resolver um enigma, dar um passo ou retroceder) por meio de erros e acertos. Trata-se, portanto, de uma estrutura ligada ao desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno.

No jogo, o aluno é estimulado a descrever, analisar, associar e criar situações que permitem o entendimento de conteúdos e conceitos. Nessa atividade é importante que o professor pense nas tomadas de decisão dos alunos, em quais são os conceitos de que se deve partir para a resolução e quais deles serão aprendidos com a atividade em questão (CASTELLAR; MORAES; SACRAMENTO, 2011, p.263).

Também a TV Digital, que até o final de 2018 estará disponível em todas as capitais do país e que prevê em seu planejamento, segundo dados governamentais, alcançar todos os municípios até 2023¹¹, pode ser um importante instrumento pedagógico, com a facilidade de ter fácil acesso e grande alcance territorial. Ela já conta com canais voltados para a educação e apresentam uma grade com programas educativos, filmes e documentários.

A **TV Escola**¹² é um canal público do Ministério da Educação, que também está disponível na internet. O seu conteúdo pode ser acessado por outras mídias, como *smartphones* e *tablets*, e está disponível em aproximadamente 50 mil escolas do Brasil, o **Canal Futura** é mantido por iniciativa privada e tem projetos produzidos com parcerias de extensão universitárias. A Futura disponibiliza filmes numa plataforma gratuita, o

11 <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,kassab-preve-conclusao-da-implantacao-da-tv-digital-em-2023,10000072929>

12 <https://tvescola.org.br/tve/home>

futuraplay.org, sem a necessidade de login ou cadastro¹³ e a **TV Cultura**, que é uma rede pública, mantida pelo Estado de São Paulo e que também se mantém com propaganda privada, apoios culturais e doações¹⁴.

Os jogos eletrônicos, a TV Digital, assim como os programas de geoprocessamento, são ferramentas de aprendizagem lúdicas que podem ser utilizadas para a familiarização dos temas que são desenvolvidos na prática em sala de aula, como no Projeto Nós Propomos! Que aborda a consciência cidadã do aluno.

3 O PROJETO NÓS PROPOMOS!

3.1 Projeto Nós Propomos! Em Portugal

O projeto Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica tem entre seus principais objetivos, segundo o Regulamento do Projeto, implementar a prática do Estudo de Caso no 11º ano (equivalente ao 2º ano do Ensino Médio no Brasil); aproximar os estudantes dos governantes, sobretudo no que tange ao Plano Diretor Municipal – PDM; incentivar a criação de propostas de solução para os problemas locais; e estimular a interação de toda a comunidade escolar, incluindo os poderes públicos e privados (PORTUGAL, 2017/18).

Para entendermos o contexto no qual o Professor Sérgio Claudino, em 2011, idealizou o projeto Nós Propomos!, é importante falar sobre o cenário histórico de Portugal àquela época. Em 1º de janeiro de 1986, Portugal entrava na Comunidade Europeia¹⁵, quase dez anos depois de ter entregado formalmente o pedido de adesão. Isso faz com que uma nova Geografia territorial seja criada. Na União Europeia, com a assinatura do Tratado de Lisboa¹⁶ em 2007, começou a surgir um novo enfoque para questões de cidadania ao ser

13 <http://futura.org.br/quem-somos/>

14 <http://tvcultura.com.br/>

15 https://europa.eu/european-union/about-eu/history/1980-1989_pt

16 <http://www.dgeg.gov.pt/pagina.aspx?js=0&codigono=676867708079AAAAAAAAAAAA>

estabelecido que os europeus poderiam se organizar e propor mudanças políticas junto à Comissão Europeia.

Em Portugal, no ano de 2012, o “Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais” é revisto e publicado através do Decreto-Lei nº 139/2012 que inclui a abordagem de conteúdo sobre cidadania, embora a formação de professores para tanto não tenha sido modificada.

Quanto a isso, afirma o professor Claudino:

Assim, contraditoriamente, a cidadania surge como um objetivo claro na legislação curricular portuguesa, mas é omissa quando se legisla sobre a formação de professores – embora, já em 1890, o pedagogo Ferreira Deusdado, autor do primeiro livro português sobre ensino de Geografia, defina o professor como “a alma do ensino” (CLAUDINO, 2014, p.3).

O professor Claudino tem sua formação acadêmica de graduação e doutorado em Geografia pela Universidade de Lisboa¹⁷. Ele atua diretamente como professor no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT), centro de excelência em investigação científica de renome internacional. O projeto Nós Propomos!, idealizado pelo professor é promovido pelo IGOT.

Segundo o site do IGOT¹⁸, a principal finalidade do projeto Nós Propomos! consiste na promoção de uma “efetiva cidadania territorial local”, sempre sob o prisma da governança e dos princípios da sustentabilidade. Já, segundo Claudino (2016), a educação para a cidadania deverá estar presente em todo o ensino básico e secundário, pois ao expandir o pensamento local, estaremos construindo uma cidadania global, isso também se reflete em uma atuação cada vez mais forte da população nas tomadas de decisões públicas.

Para o professor, a participação política democrática do cidadão reforça o pensamento geográfico:

Construir uma cidadania global começa pela reflexão crítica sobre a sua própria cultura e, sobretudo, pela assunção da responsabilidade de decisões e ações (Andreotti, 2006) – um desafio concretizado, desde logo, à escala local. Em educação,

17 <https://www.ulisboa.pt/>

18 <http://www.igot.ulisboa.pt/projeto-nos-propomos/>

associamos diretamente educação a ação (Moreno, 2013) e intervenção, como sucede na Declaração de Lucerna¹⁹ sobre Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável (Lucerne Declaration, 2007) (CLAUDINO, 2016a, p.3).

Desde a sua primeira edição, o projeto Nós Propomos! usa como ferramenta pedagógica o “Estudo de Caso”. Na visão do professor Claudino (2016), o trabalho de campo poderia ser outra técnica a ser aplicada no desenvolvimento do projeto, porém essa encontra alguns obstáculos para a sua implementação. Através do trabalho de campo os alunos têm a oportunidade de participar de todas as fases para a identificação de problemas locais e suas soluções. No trabalho de campo ainda é possível recolher informações nos locais e com as pessoas, analisar e refletir sobre os dados coletados e completar o pensamento geográfico ao refletir sobre os resultados obtidos.

Nesse sentido, o professor Claudino afirma que:

O trabalho de campo constitui uma das experiências mais motivadoras e marcantes para os alunos, um importante estímulo ao trabalho de parceria entre alunos e favorece a aproximação e o diálogo entre professores e alunos (CLAUDINO, 2016, p.2).

Mas, com base no sistema de ensino de Portugal, o trabalho de campo não é atrativo por alguns motivos, sendo frequentemente preterido pelo Estudo de Caso, já que demanda mais recursos financeiros, menos controle de tempo para sua realização e estaria na dependência de sua realização ou não conforme decisão dos docentes, conforme afirma Claudino:

A organização do sistema educativo português, mas também o da generalidade dos países, não é favorável à realização de trabalho de campo. As escolas organizam-se em rígidos tempos letivos, as aprendizagens desenvolvem-se nas salas de aula e em torno dos manuais escolares e o trabalho de campo surge

19Declaração de Lucerne sobre a Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável Hartwig Haubrich (Friburgo), Sibylle Reinfried (Lucerne), Yvonne Schleicher (Weingarten). A Comissão da União Geográfica Internacional em Educação Geográfica vê a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável 2005-2014 como uma oportunidade para se confirmar o compromisso da educação com o desenvolvimento sustentável. As mudanças globais contemporâneas desafiam a humanidade no século 21. Nós respondemos a esses desafios com a proclamação da “Declaração em Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável” (HAUBRICH; REINFRIED; SCHLEICHER, 2007).

como algo excepcional, que perturba, na prática, o quotidiano escolar.

O pagamento das despesas de deslocação pelos alunos também constitui uma dificuldade acrescida. Para além disso, as avaliações externas, desde logo as do Ministério da Educação, não contemplam a resolução de situações-problema desenvolvidas em trabalho de campo, o que reforça o seu carácter secundário no currículo (CLAUDINO, 2016, p.6)

Talvez, em vista disso, o projeto esteja direcionado para a aplicação da metodologia de Estudo de Caso, tornando-se um sucesso revolucionário na didática do ensino de Geografia, pois não só nele estão envolvidos os alunos e professores, como também a comunidade, o governo e outras autarquias. O Estudo de Caso implementado no projeto trabalha com fatos verídicos, no ambiente vivenciado pelos alunos, situações em geral descomplicadas, embora relevantes e bem definidas. Os casos abordados podem ser apresentados de maneira bem livre e criativa, passando por diferentes tipos de linguagens, como narração, descrição, diálogos, ou mesmo fotografia, filmagem e desenhos.

Assim, no site Vitral Digital²⁰ temos:

Mas é mesmo assim o Projeto Nós Propomos!: feito de alunos reais, de professores reais, de escolas reais, com limitações várias, mas que dão o seu melhor, dentro do que conseguimos. Derrotam-se, também aqui, discursos com dois séculos de existência, que oscilam entre a apologia de uma escola inexistente e o desdém pela mesma. E o elevado número de projetos de alunos selecionados encerra uma mensagem muito clara: a generalidade dos alunos, jovens ou menos jovens (como aqueles da Universidade Sénior Intergeracional de Agualva-Mira Sintra, que nos dão o prazer da sua participação), têm muito a dar à comunidade (CLAUDINO, 2016b, s.p.).

O foco principal do projeto, criado em 2011, é a formação de cidadãos ativos e participantes em seus territórios, que se sensibilizem com os assuntos relevantes do seu dia a dia, e que estejam focados em encontrar soluções locais que melhorem a qualidade de vida da sua comunidade.

Preferencialmente o projeto foi pensado para alunos da disciplina de Geografia do 11º ano do Ensino Secundário, correspondente ao 2º ano do

20 <http://vitraldigital.com/nos-propomos/index.html>

Ensino Médio brasileiro, porém alunos do 10º e 12º ano também podem participar, assim como, em menor quantidade, participam alunos de outras séries e até mesmo de cursos profissionais espalhados por Portugal. Já na versão de 2016, alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, a partir de 6 anos, puderam participar, pois foi criado o “Projeto Nós Propomos! Pequenos Grandes Cidadãos”, com um regulamento adequado para esse público escolar (PORTUGAL, 2017/18).

Além das escolas de Lisboa, estão participando do projeto escolas da Região Autónoma dos Açores e da Região Autónoma da Madeira, a Universidade Sênior Intergeracional de Agualva-Mira em Sintra, Claudino (2016b), sendo que no biênio 2015/2016, haviam 1600 alunos e professores de Geografia engajados na proposta. O Ministério de Educação, a Associação Insular de Geografia, a Associação de Professores de Geografia e a Associação Portuguesa de Geógrafos são apoiadores do projeto.

O interesse e entusiasmo dos alunos e professores também se deve à elaboração de propostas realizáveis, isto é, possíveis de implementação, pois existe a participação, por meio de termos de cooperação, da Prefeitura local que orienta sobre as diretrizes do Plano Diretor (PORTUGAL, 2016/17). Essa capacidade de vincular a escola, a comunidade e as autoridades locais é o grande diferencial para o sucesso do projeto e demonstra toda a habilidade pedagógica apresentada pelo professor Claudino.

Através do Sistema de Informação Geográfica da Esri Portugal²¹, empresa que atua no ramo da tecnologia da informação e uma das principais apoiadoras do projeto Nós Propomos!, os dados necessários para o desenvolvimento dos projetos ficam disponíveis facilmente para todos os participantes, sendo apenas necessário acesso à internet.

O Projeto tem uma Comissão de Coordenação, composta pelo coordenador, o professor Sérgio Claudino, pelo co-coordenador, Rui Santos, que é consultor da Esri Portugal. Também fazem parte desta Comissão professores do IGOT; pesquisadores do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa; Sandra Mendonça, professora aposentada do Colégio de Aplicação da

21 <http://www.esriportugal.pt/>

Universidade Federal de Santa Catarina; João Bazolli, professor na Universidade Federal de Tocantins e doutorandos do IGOT. Dentre as principais atribuições, esta comissão é responsável pela gestão de uma plataforma eletrônica específica do projeto, que torna disponível para todos os interessados a troca de informações, ferramentas para a gestão e outros recursos necessários para o aperfeiçoamento dos projetos.

A Comissão também fornece na Plataforma do Projeto uma sondagem avaliativa em formato de formulário, para que os participantes avaliem o desenvolvimento do olhar cidadão para os problemas da comunidade. Também a Comissão pode opinar sobre os arquivos enviados pelos alunos.

O IGOT, além de promover o projeto, se responsabiliza por todo o seu gerenciamento. Nas suas páginas da internet, encontramos os passos necessários para a orientação dos interessados, os objetivos, o público alvo, os colaboradores e o Regulamento, que resumidamente pode ser destacado (PORTUGAL, 2016/17, 2017/18):

- No começo do ano letivo, em setembro, os alunos dão início aos preparativos para desenvolver o projeto. Noções de cidadania, participação comunitária, governança, sustentabilidade, valorização de costumes locais e regionais começam a ser trabalhadas.
- Pequenos grupos são formados e eles começam a destacar alguns pontos na área da escola e do seu bairro que mereceriam atenção para intervenções de melhorias. Como exemplo podem ser locais abandonados ou com mau uso, questões de transporte público, áreas de lazer ou referenciais turísticos. Os dados dos grupos, constituição e assunto trabalhados serão inseridos pelos docentes na plataforma do projeto, onde serão analisadas podendo ser adequados pela coordenação.
- Na fase seguinte, os alunos identificam os problemas que são relevantes para eles e que possam passar por intervenções, sempre respeitando o Plano Diretor, e começando então o trabalho de campo.
- Nos locais selecionados são realizadas entrevistas com os cidadãos, comerciantes e outros interessados. A visita pode ser documentada

através de múltiplos meios, como vídeos, fotografias, mapas e relatórios. Os registros obtidos, assim como as fotos dos participantes são colocados no site e na página do Facebook. Questões como o andamento dos trabalhos e dificuldades enfrentadas pelos alunos poderão ser comentadas pela coordenação.

- Nas etapas seguintes os grupos pesquisam a respeito do problema selecionado e elaboram a solução. Os resultados obtidos na investigação e a solução pretendida são apresentados e defendidos, sendo que os alunos podem indicar quais as vantagens de suas escolhas e apresentam para o grande grupo com auxílio de ferramentas de multimídia (como através de um arquivo de Power Point, por exemplo).
- Cabe às escolas fazer a escolha do melhor ou dos melhores projetos, colocá-los no site pelo qual serão avaliados por um júri nacional, que selecionará a melhor proposta com os critérios que estão descritos na ficha de inscrição.

Também é promovido, como incentivo aos alunos e escolas participantes, concursos de fotografias, vídeos, músicas, desenhos e textos resultantes dos trabalhos elaborados. Todas as escolas envolvidas, professores e alunos, são diplomados pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território pela sua participação no projeto

Num grande evento chamado Seminário Nacional do Projeto Nós Propomos!, ocorre a apresentação das propostas vencedoras, as premiações dos patrocinadores e o encerramento nacional das atividades anuais.

Em 2017 a Escola Secundária da Ribeira Grande Educação dos Açores, que participou do Nós Propomos! com o tema da adaptação de locais públicos às exigências de pessoas com necessidades especiais (Figura 2), recebeu o prêmio "Ousar, Intervir, Melhorar 2017 da Direção Regional de Educação dos Açores".

Figura 2 - Título, data, turma e componentes do grupo.



Fonte: <<http://nospropomos2016.weebly.com/trabalhos.html>>acesso em 2018.

O grupo fez um levantamento sobre os locais públicos que iriam visitar (Figura 3), nesses lugares foi feito um levantamento fotográfico dos problemas encontrados (Figura 4), após isso foi elaborada a análise do que foi registrado (Figura 5) e, por fim, as soluções que foram apontadas.

Figura 3 - Levantamento dos problemas identificados.



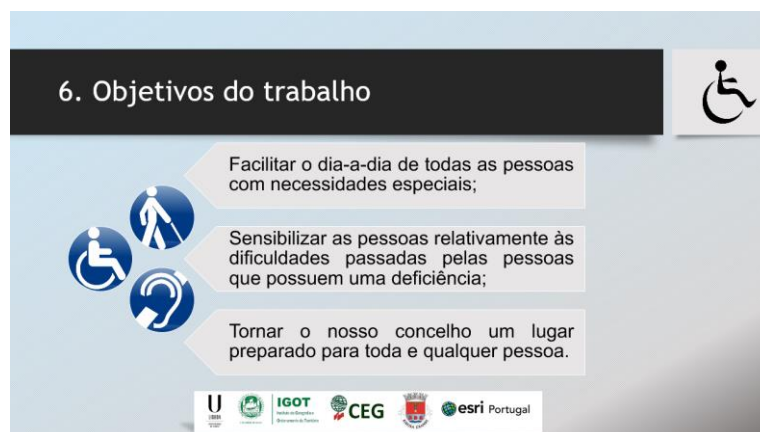
Fonte:<<http://nospropomos2016.weebly.com/trabalhos.html>>acesso em 2018.

Figura 4 - Fotos para as propostas dos problemas identificados.



Fonte: <<http://nospropomos2016.weebly.com/trabalhos.html>>. Acesso em: 14 ago 2018.

Figura 5 - Sensibilização para os problemas encontrados.



Fonte: <<http://nospropomos2016.weebly.com/trabalhos.html>>. Acesso em: 14 ago 2018.

3.2 Projeto Nós Propomos! no Brasil

O projeto foi implantado pela primeira vez no Brasil no Colégio de Aplicação de Florianópolis (SC) por iniciativa da professora Sandra Mendonça que, em 2011, realizava seu estágio doutoral no Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento Territorial-IGOT, da Universidade de Lisboa, tendo como orientador o professor Sérgio Claudino, idealizador do projeto.

A professora teve a oportunidade de presenciar o nascimento do projeto, quando o professor Claudino ainda convidava escolas e professores para apresentar a sua proposta pedagógica e os objetivos que ele pretendia alcançar com a sua implementação.

Ao retornar para o Brasil, em 2014, Sandra incorporou à metodologia já praticada no CA-UFSC de estudos nos bairros e temas urbanos a proposição do Projeto Nós Propomos, fato que foi amplamente apoiado pela direção pedagógica da escola. De acordo com a professora, em Portugal a adesão ao projeto é voluntária, enquanto que no Aplicação a metodologia de pesquisa científica já fazia parte do sistema de ensino utilizado pelo grupo de geografia do Colégio de Aplicação, o que facilitou a inclusão do projeto no currículo e a efetivação da parceria com o IGOT.

Também em relação a diferenças entre Portugal e Brasil, pode ser citado a participação de uma empresa privada que disponibiliza uma plataforma na internet para que todas as ações relativas ao projeto sejam ali inseridas, o que ainda não temos no nosso país e a presença do IGOT, que tem como função regular o funcionamento do projeto em Portugal. Aqui no Brasil existe uma maior flexibilidade na implantação, uma vez que as realidades regionais são bastantes diferenciadas. O professor Claudino (2018), em entrevista concedida por correspondência eletrônico, cita a sua visão em relação a este aspecto das diferenças de aplicação do projeto no Brasil e em Portugal:

Naturalmente, em Portugal há maior densidade de escolas participantes, há uma universidade que coordena essas dezenas de escolas, pelo que há um Regulamento, mais rígido, há um contacto pontual da Universidade com as escolas (uma sessão de trabalho por ano, para além do Seminário Nacional). É uma realidade diferente, do ponto de vista organizativo. Deixe-me, entretanto, notar que no Colégio de Aplicação fazem (bem) um pedido de pesquisa bibliográfica sobre o tema que eu não solicito em Portugal... não trabalhamos diretamente com os alunos. O poder local em Portugal está melhor representado no Projeto.

No Brasil, os alunos parecem-me mais proativos, ou seja, tendem a envolver-se mais na resolução efetiva dos problemas que identificam (CLAUDINO, 2018, s.p.).

No dia 27 de novembro de 2014, na cidade de Lisboa, também foi assinado o convênio entre o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa - IGOT e a Universidade Federal do Tocantins - UFT, para o desenvolvimento do projeto. O professor João Aparecido Bazolli foi

intermediário desse acordo, na época fazia pós-doutorado na Universidade de Lisboa e hoje é o coordenador estadual do projeto no Tocantins.

Desde 2017, além do Colégio de Aplicação da UFSC e do Tocantins, mais de 20 estabelecimentos de ensino médio do país iniciaram o projeto, porém de forma não idêntica ao que é aplicado em Portugal. Aqui ele se molda às nossas realidades locais. Essa versatilidade é um dos diferenciais que o torna um projeto acessível a realidades distintas.

Como consequência da renovação teórica nos anos 70 e 80, o ensino da geografia se dinamizou, abriram-se várias oportunidades para pesquisas, houve maior interação de diversos profissionais da área em encontros promovidos a nível regional, e até mesmo nacional, que expunham suas realidades locais. De acordo com a Professora Sandra Mendonça²²:

Houve uma renovação da Geografia nos anos 70 para 80, e aí vem um espírito crítico bastante avançado, existe uma grande produção na educação geográfica... muito efervescente até os dias de hoje. Têm gerações e gerações surgindo aí num ritmo de renovação, sempre propondo novas temáticas, pensando novas questões. Porque pensa a sociedade, e se a sociedade está colocando novas questões, a geografia está lá pensando essas novas questões.

No Colégio de Aplicação o projeto Nós Propomos! é praticado com a metodologia da iniciação científica a partir de técnicas pedagógicas com as quais o estudante, no seu bairro, na sua comunidade ou no entorno da sua escola, faz entrevistas, levanta problemas e potencialidades locais, coleta dados, transforma esses dados em tabelas, elabora mapas, fotografa, constrói maquetes, usa mídias eletrônicas e analisa todos os recursos disponíveis. Aprende a olhar os espaços como observador, como crítico, um cidadão em busca de soluções e que também identifica o que pode ser melhorado.

De acordo com o professor Claudino e a professora Sandra Mendonça:

Procuramos, assim, caminhos que possam fortalecer o compromisso com a consciência crítica dos(as) estudantes, na perspectiva da superação do senso comum, investindo na capacidade criadora, estimulando-os(as) a construir conhecimento, e ser partícipes ativos da sua própria formação

22 Em entrevista concedida no Colégio de Aplicação, no dia 09 de dezembro de 2017.

na perspectiva de uma cidadania territorial (CLAUDINO; MENDONÇA, 2016). Em síntese, a ideia consiste em instigar o gosto pela pesquisa, fortalecendo a prática educativa da escola alicerçada no debate, na investigação, no compromisso e na conexão com a realidade (NUNES; MENDONÇA, 2017, p.108).

O projeto prepara os alunos para o contato com uma educação cidadã no que se refere principalmente à participação ativa das ações que são ligadas à cidade e sua gestão democrática. O trabalho em grupo, a visão social e política que os jovens estudantes adquirem ao perceberem que as suas ações podem ser transformadoras, colaboram para que os objetivos sejam alcançados. A participação desses alunos é um fator na formação de cidadãos adultos comprometidos com uma sociedade mais justa, igualitária e consciente dos seus direitos e dos seus deveres.

No Tocantins, o projeto está em andamento nos municípios de Palmas, Gurupi e Araguaína, onde buscou desde o início parcerias entre o poder público e a universidade. A Secretaria da Educação, Juventude e Esportes do Tocantins (SEDUC/TO) participa, através de um convênio, desde de 2015, o que auxilia nas ações sociais em relação aos estudantes das escolas públicas. De acordo com professor João Bazolli:

A partir do estabelecimento do diálogo com a Seduc, foi possível constatar que as atividades e ações desenvolvidas pelo projeto nas escolas públicas poderiam contribuir para a redução do grau de vulnerabilidade dos jovens estudantes, possibilitar o atendimento a uma demanda social local e latente, para além de promover a sustentabilidade social. Assim, o projeto estaria fortalecendo a tecnologia da educação em razão de sua estrutura inovadora (BAZOLLI, 2017a, p.15).

A Seduc coloca à disposição sua rede de agentes educacionais em apoio às escolas participantes, o que facilita a implementação das propostas de forma ágil e comprometida com o currículo de ensino. As políticas de proteção aos jovens educandos, desta forma, são aplicadas a partir da interação do projeto com o poder público, o que favorece intervenções mais efetivas em direção ao bem-estar dos jovens alunos nos seus locais de convívio. A importância da participação da Secretaria é destacada pelo professor João Bazolli:

Dessa maneira, a parceria com a Seduc possibilitou começar de imediato os trabalhos. Inicialmente, estabeleceu-se uma agenda positiva de visitas às escolas a fim de apresentar o conteúdo e a maneira de operacionalização do projeto; sensibilizar alunos e

professores para a importância de sua implantação e discutir a formatação mais adequada, que atendesse às demandas da estrutura curricular; em especial, a de envolver os agentes educacionais nas discussões, fazendo-os entender que, ao privilegiar a educação cidadã, o debate acerca do direito à cidade é fortalecido, por meio da participação social, que passa a ser realizada de forma instrumentalizada e qualificada (BAZOLLI, 2017a, p.15).

A primeira edição do projeto no Tocantins se deu em 2016, porém, previamente, ainda em 2015, encontros entre os participantes foram promovidos a fim de que todos caminhassem na mesma direção. Em fevereiro de 2016, foi organizado o “I Seminário Palmas em foco: participação e direito à cidade”, que teve como objetivo divulgar a linha mestra para os interessados e integrantes do projeto.

Foi criado um *blog*²³ para divulgação, compartilhamento das ideias e dos trabalhos, que contava mais de 60 mil acessos até 2017. Ali, os alunos, professores e demais interessados podem interagir e abrir discussão de diversos temas até os dias de hoje. Da mesma forma, no Facebook²⁴, o projeto conta com uma página de compartilhamento das ações que têm lugar no Brasil, em Portugal e na Espanha.

Uma ampla frente de ensino foi formada a partir da aproximação com a Universidade Federal do Tocantins. Estão envolvidos na execução do projeto os cursos de Direito, Arquitetura e Urbanismo e Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional do Campus de Palmas e de Geografia do Campus de Araguaína.

Alunos da graduação e da pós-graduação da UFT conduzem oficinas para os alunos de ensino médio com a finalidade de apresentar formas e técnicas de pesquisa, planejamento e resolução de problemas. O professor João Bazolli reforça a importância do acordo entre a universidade e as escolas públicas:

Esse acordo institucional possibilitou promover ações de educação para a democracia participativa com um trabalho colaborativo entre a UFT (cursos envolvidos) e as escolas públicas de ensino médio da rede estadual, no âmbito da identificação e da pesquisa de problemas urbanos. O objetivo é socializar propostas de resoluções por meio de um seminário

23 <http://nospropomos.blogspot.com.br>

24 <http://facebook.com/nospropomos/?fref=ts>

estadual anual utilizando como metodologia de trabalho o diagnóstico, a revisão de literatura, a pesquisa de campo, contando com a publicação dos resultados alcançados.

Dessa forma, as ações desenvolvidas na execução desse projeto, de natureza multidisciplinar, estão dentro do preceito da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e têm o intuito de impactar a formação dos estudantes, tanto os da universidade como os do ensino médio (BAZOLLI, 2017b, p.54).

Na UFT, com a presença do Prof. Sérgio Claudino do IGOT Lisboa, em 2016, foi organizada uma importante oficina para o compartilhamento da experiência em Portugal e para a discussão de instrumentos de avaliação de resultados das atividades e aprimoramento das ações. Essa oficina buscou a manutenção da proposta pedagógica do projeto, com as necessárias adequações e fortalecimento das práticas conjuntas dos atores envolvidos:

[...] a oficina estabeleceu roda de conversa composta de pessoas que acompanharam a execução do projeto ao longo do ano. Importante salientar que o diálogo estabelecido com as escolas, além de ter buscado soluções conjuntas e direcionar esforços para manutenção da qualidade na execução do projeto, mesmo diante de empecilhos experimentados na 1ª edição, resultou em alinhamento de intenções, compromisso e dedicação, que possibilitará promover os ajustes a partir dos apontamentos extraídos durante esse evento (BAZOLLI, 2017a, p.25).

Para manter a aplicação do projeto de maneira a não perder os objetivos principais da origem em Portugal, a UFT elaborou um manual²⁵ que serve de apoio e orientação às escolas. Lá estão registrados os fundamentos teóricos e práticos do projeto, assim como sugestões sobre a implementação das atividades propostas.

O processo de desenvolvimento do projeto está estruturado na metodologia de estudo de caso e começa no início do ano letivo. Pequenos cursos são disponibilizados para professores e alunos, estudantes universitários e comunidade envolvidos com o projeto. Esses cursos têm a finalidade de prepará-los para as questões que surjam no desenrolar das atividades. Também cursos de nivelamento para os alunos do ensino médio e seus professores são proferidos por “acadêmicos da graduação e do mestrado, professores

25 <https://drive.google.com/file/d/1O62at3JEez-ZdK6alAvfy8rAo-o9Zqr0/view>

universitários, técnicos e especialistas em urbanismo convidados pela UFT", BAZOLLI (2017b, p.63).

Na sequência, nas escolas, os alunos se organizam em grupos em suas salas de aula, atendendo aos critérios estabelecidos pelos professores. O trabalho de apurar os temas a serem abordados é a próxima etapa, quando saem para a pesquisa de campo no local escolhido. Identificado o objeto a ser trabalhado, com o suporte da universidade, as soluções são encontradas. A comunidade é estimulada a participar no desenrolar dos trabalhos.

No final do ano letivo, num seminário, as propostas são apresentadas e avaliadas por um comitê que faz as análises e pontua as apresentações dos alunos em fichas previamente distribuídas e obtém-se, então, os resultados finais (Figura 6). Existe uma premiação para os trabalhos melhores pontuados com a finalidade de incentivar os participantes.

Figura 6: O resultado final de 2017.

		APURAÇÃO FINAL DAS NOTAS - PROJETOS NÓS PROPOMOS (ESCOLAS)		Cidade
Nº	TEMA	ESCOLA	NOTA	
12	Casa de Passagem VIVER COM ALEGRIA	CEM SANTA RITA	9,14	PALMAS
19	Praça da Juventude, mais lazer e cultura, mais vida	CEM CASTRO ALVES	9,10	PALMAS
5	Limitações aos Direitos de Mobilidade Urbana da Pessoa com Deficiência	CEM TIRADENTES	9,00	PALMAS
18	Inclusão Digital e Profissional	ESCOLA ESTADUAL LIBERDADE	8,90	PALMAS
1	#HidrataPalmas	COLÉGIO ESTADUAL DOM ALANO	8,87	PALMAS
13	Poluição do Córrego Neblina	CPM COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR	8,85	ARAGUAINA
17	Segurança Pública Comunitária	ESCOLA ESTADUAL LIBERDADE	8,81	PALMAS
3	Ausência de sinalização horizontal e vertical da Quadra 806 Sul	CEM TIRADENTES	8,64	PALMAS
7	Acessibilidade na Escola	CEM BENJAMIN JOSÉ DE ALMEIDA	8,63	ARAGUAINA
2	Praça Nossa de Todo Dia	COLÉGIO ESTADUAL GUILHERME DOURADO	8,62	ARAGUAINA
4	Pavimentação e Iluminação Pública da Viela da Quadra 806 Sul	CEM TIRADENTES	8,33	PALMAS
14	Impacto Ambiental Córrego Canidé	CPM COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR	8,29	ARAGUAINA
6	Ornamentação de Espaço Público	CEM BENJAMIN JOSÉ DE ALMEIDA	8,23	ARAGUAINA
9	Lixo	CEM BENJAMIN JOSÉ DE ALMEIDA	7,95	ARAGUAINA
8	Arborização e preservação de áreas verdes	CEM BENJAMIN JOSÉ DE ALMEIDA	7,87	ARAGUAINA
10	Acessibilidade nos arredores do Colégio São José	COLÉGIO ESTADUAL SÃO JOSÉ	7,66	PALMAS

Fonte: <http://nospropomos.blogspot.com/2017/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

O trabalho vencedor, Casa de Passagem Viver com Alegria, do Colégio de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, Palmas, trabalhou questões relativas à qualidade de vida dos idosos, a situações de vulnerabilidade que eles enfrentam e à negligência do poder público.

Fizeram um levantamento geográfico através do Google (Figura 7), fotografaram as condições físicas dos prédios que abrigam a casa e o seu entorno. Como resultado do trabalho, propuseram uma obra de reforma com a readequação dos espaços através de programa de computador (Figura 8), fazendo a simulação das alterações, e também propuseram a formação de uma equipe para operacionalizar as modificações sugeridas.

O grupo pautou o trabalho com base na dignidade da pessoa humana, no estatuto do idoso, no desenvolvimento humano e na garantia das liberdades, que são deveres do Estado.

Figura 7- Localização geográfica da casa de passagem através do Google.



Fonte: <http://nospropomos.blogspot.com/2017/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Figura 8: Sugestão para alteração do espaço externo.



Fonte: <<http://nospropomos.blogspot.com/2017/>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

O trabalho que ganhou o segundo lugar, CEM Castro Alves, também de Palmas, com o tema “Praça da Juventude: mais lazer e cultura, mais vida!”. Trata-se de proposta para políticas públicas de recuperação de uma praça nos arredores da escola que se encontrava em precárias condições de uso. Foram feitos estudos de uma pesquisa já existente sobre a vulnerabilidade dos jovens em relação à violência e desigualdade racial, a fim de identificar como os jovens da comunidade escolar e da comunidade local, que usam o espaço da praça, são afetados pelas condições existentes (Figura 9).

Figura 9: Conclusões a que o grupo chegou.

"Praça da Juventude: mais lazer e cultura, mais vida!"

NÓS PROPOMOS

Centro de Ensino Médio Castro Alves

UFT TOCANTINS

IGOT Instituto de Geografia e Ordenamento do Território UNIVERSIDADE DE LISBOA

Ao longo do estudo constatou-se que existe escassez de políticas e aparelhos públicos, motivados por questões sociais, e que medidas pontuais não solucionarão o problema, mas sim uma política pública eficaz que além de proporcionar essas melhorias, tragam autoestima e confiança da comunidade.

Fonte: <<http://nospropomos.blogspot.com/2017/>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Foi elaborado um mapa de localização da praça, realizadas oficinas, visitas ao local, debate com as lideranças comunitárias e análise dos resultados obtidos, que serviram de base para a proposta final (Figura 10).

Figura 10: Proposta elaborada pelo grupo.

"Praça da Juventude: mais lazer e cultura, mais vida!"

NÓS PROPOMOS

Centro de Ensino Médio Castro Alves

UFT TOCANTINS

IGOT Instituto de Geografia e Ordenamento do Território UNIVERSIDADE DE LISBOA

Propomos promover uma revitalização e implantação de equipamentos na praça da quadra 303 Norte:

- Possibilitar aos jovens, acesso ao esporte, lazer, cultura, entre outras políticas;
- Instalar pista de skate, WiFi, bancos, palco e arquibancadas para apresentações culturais, banheiros, bebedouro, iluminação, parquinhos, entre outros.
- Evitar o deslocamento dos jovens as praças centrais, diminuindo custos financeiros, democratizando o direito ao lazer ;
- Promover auto estima e confiança dos moradores da comunidade com o setor;
- Promover segurança através da ocupação dos espaços públicos.

Fonte: <<http://nospropomos.blogspot.com/2017/>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Sobre o sucesso do projeto nas escolas pública do Tocantins, o professor João Bazolli destaca:

Importante salientar que as ações desenvolvidas pelo projeto têm proporcionado à comunidade estudantil de todos os níveis em questão a compreensão de que é necessária sua inserção participativa cidadã no contexto local e que isso se dá a partir de trabalho de conscientização proporcionado pelo próprio grupo, demonstrando a importância de pontos como a necessidade do empoderamento local, o imperativo da voz cidadã na identificação dos problemas urbanos e a participação ativa para a resolução desses problemas (BAZOLLI, 2017a, p.56).

4 A EXPERIÊNCIA DO PROJETO NÓS PROPOMOS! NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO NO ANO DE 2017

Em 17 de outubro de 2017, no Colégio Aplicação/UFSC, em Florianópolis, ocorreu o 4º Seminário Nós Propomos! Cidadania e Inovação em Educação Geográfica. Neste seminário foram apresentados os trabalhos elaborados pelos alunos do terceiro ano do ensino médio da disciplina de Geografia, sob a coordenação da professora Sandra Mendonça. O projeto conta com o apoio dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBID), instituído pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que tem como principal objetivo incrementar a metodologia de iniciação científica, sendo direcionado para estudantes do ensino fundamental, médio e profissional da rede pública.

Alunos estagiários do curso de Geografia da UFSC e bolsistas do PIBID, realizam oficinas com os alunos participantes do projeto. Ações como as dessa parceria são importantes para a qualificação e formação dos futuros professores. As estagiárias de Geografia Renata Brückmann e Barbara Eberhardt²⁶, que participaram do projeto, em entrevista, afirmam que:

Ter a oportunidade de participar deste projeto, através do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), foi de extrema importância para nossa formação, pois a partir dele conseguimos compreender a realidade do cotidiano escolar, a geografia escolar e os estudantes, ampliando nossa visão enquanto estudantes da licenciatura, para além de uma educação dentro de sala de aula. Além de ter a oportunidade de conhecer e praticar metodologias alternativas para trabalhar a geografia que vão além da aula expositiva, atividades e provas. Ter essa experiência de aproximação de estudantes e conteúdos, além de ser um projeto que vai além do tradicionalismo, foi e ainda é um elemento de que podemos, enquanto educadores ver outras perspectivas de educação e aprendizagem (BRÜCKMANN; EBERHARDT, 2017, s.p.).

Segundo a professora Sandra Mendonça, todas as atividades se desenvolvem durante o ano letivo em três etapas. No primeiro trimestre, primeira etapa, a abordagem é empírica: os alunos são apresentados à proposta, questões de cidadania são debatidas e eles vão em busca de informações,

26 Entrevista concedida por correio eletrônico em 14 de junho de 2018

pesquisam sobre os temas trabalhados e efetuam as leituras sugeridas. Os grupos são formados e depois orientados a observar a cidade, os bairros onde moram ou o que tenham interesse em conhecer mais profundamente. Ainda, segundo a professora, é feito nesta primeira etapa um levantamento sobre as potencialidades e problemas do bairro a ser estudado, para isso conversam com os moradores, comerciantes, transeuntes, observam e definem o tema a partir desta primeira etapa. Eles vão para as ruas munidos de um olhar crítico e investigativo, com a finalidade de encontrar em seus próprios bairros o melhor local a ser explorado. A partir disso, os dados começam a ser levantados e analisados conjuntamente e o tema é escolhido. Um exercício de cidadania eficiente, como define bem Helena Callai:

Trabalhando na perspectiva de “estudar o lugar para compreender o mundo” (Callai, 2000), considera-se que o conceito de lugar é importante no estudo de Geografia e para estudar o lugar é fundamental refletir sobre qual o significado do espaço na vida das pessoas e das sociedades em geral, aceitando-se que o espaço é construído e é resultado de toda a vida que ali existe, seja vida decorrente apenas da natureza, seja decorrente das formas de organização e distribuição dos homens e das relações destes com a natureza (CALLAI, 2011, p.17).

Em março de 2017, auxiliando esta fase, a coordenação do projeto, organizou uma roda de conversa com o professor Elson Manoel Pereira, do curso de Geografia da UFSC. O professor abriu um diálogo com os alunos sobre o tema Juventude, Cidadania e o Direito à Cidade²⁷.

Os alunos também participaram, pelo PIBID, de oficinas de geoprocessamento²⁸ no Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores, LIFE, onde aprofundaram seus conhecimentos sobre a utilização do Google Earth e como ferramenta de apoio para as suas pesquisas, bem como o aplicativo Geoprocessamento Cooperativo, utilizado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis (Figura 11). Aprenderam a utilizar ferramentas para a localização em mapas, a elaboração de cartografia básica, a marcação de áreas,

27 <https://www.youtube.com/watch?v=UliBtGhUqb4>

28 <http://pibidgeografia.paginas.ufsc.br/2017/04/>

a criação de polígonos e a utilização da barra cronológica com fotos aéreas e de satélites. Esta cronologia possibilita aos estudantes analisar o processo de ocupação do solo urbano desde 1938 até os dias atuais.

Figura 11: Alunos do Colégio de Aplicação na oficina de geoprocessamento, 2017.



Fonte: <http://pibidgeografia.paginas.ufsc.br/2017/04/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Fotografia: Fernanda Ravena

Ao final desta primeira fase, foi organizado um seminário em sala de aula em que os grupos puderam expor suas primeiras impressões: o bairro que escolheram, o tema a ser abordado e as suas justificativas para a escolha realizada. Com isso, um dos primeiros objetivos do projeto Nós Propomos! é alcançado:

Essa mudança de perspectiva de estudante receptor de informações para estudante investigador e autor possibilita uma aproximação às questões socioespaciais relevantes para a sociedade, considerando que o estudo implica saídas de campo e exercício de todas as etapas de pesquisa além de proporcionar um currículo profundo e dinâmico (NUNES; MENDONÇA, 2017, p.108)

No segundo trimestre tem início a segunda etapa. De acordo com a professora Sandra Mendonça, os grupos já têm o tema definido, começam a coletar os dados da história do bairro com os quais irão trabalhar e também a

identificar a formação socioespacial do local. Conforme a temática escolhida, os estudos serão aprofundados, isto é, se o tema for transporte, irão focar suas pesquisas sobre transporte, se for área de lazer, devem pesquisar sobre como deve ser uma área de lazer para que as pessoas do bairro possam tirar maior proveito em relação aos espaços, políticas públicas relacionadas com o tema e assim por diante. Os grupos elaboram um relatório de pesquisa e a professora Sandra orienta no sentido de sanar as dificuldades que surgiram, bem como avalia a necessidade ou não de aprofundar a pesquisa e a adequação dos materiais gerados, tais como entrevistas, mapas, gráficos, fotos, entre outras mídias. O papel da professora nesta fase é não somente orientar, mas provocar os alunos para que possam encontrar o melhor caminho.

No início do terceiro trimestre começa a terceira e última fase do projeto. A professora Sandra Mendonça explica que os grupos já encerraram suas pesquisas, já se aprofundaram de acordo com a orientação e o tema a ser trabalhado já foi definido. É a fase em que mostram os resultados obtidos e as propostas que julgam mais apropriadas para a solução dos problemas identificados. É então agendado um seminário para a apresentação dos projetos para todas as turmas e convidados. Completam-se assim as etapas para o desenvolvimento do trabalho científico na escola. Também importante é que, durante todas as etapas, os estudantes são orientados em horário extra classe e podem solicitar acompanhamento nas saídas de campo quando acharem necessário.

A professora Sandra Mendonça chama a atenção para a receptividade dos alunos em relação ao projeto:

No início do ano, eles encaram a proposta de trabalho como “um trabalho a mais, estão mais preocupados com as notas avaliativas”, porém, com o tempo, começam a despertar interesse pelo contato com as pessoas e órgãos públicos, pelas entrevistas, as oficinas e as possíveis soluções. O “brilho no olho” começa a aparecer quando percebem que as suas ações podem ser transformadoras (MENDONÇA, 2017²⁹).

O seminário final aconteceu no auditório, com a presença de todas as turmas envolvidas. A professora solicitou que os alunos ficassem atentos e que

29 Em entrevista concedida no Colégio de Aplicação, no dia 09 de dezembro de 2017

registrassem as suas observações quanto à apresentação dos grupos, à temática abordada e às propostas elaboradas, pois estas anotações poderiam servir de base para a produção de um texto e também como fonte de consulta para outras propostas de trabalho. A dinâmica adotada foi a apresentação em blocos com três grupos, onde cada grupo se apresenta de 15 a 20 minutos, após uma discussão de dez minutos. No total, 16 grupos se apresentaram.

Estava presente como convidado no seminário o professor Sérgio Claudino, idealizador do projeto Nós Propomos!, que fez uma breve apresentação contando o histórico de sua realização. Falou sobre o conceito de cidadania territorial, explicando que os problemas das cidades são problemas de todos, e que os alunos devem participar como cidadãos na resolução desses problemas ao invés de delegar a responsabilidade apenas para os políticos. Também ressaltou a importância de levar a experiência adquirida no projeto para todos os setores da vida.

Além do professor Sérgio Claudino, estavam presentes como convidados a professora Maria Helena Lenzi, o professor Elson Manoel Pereira e o professor Orlando Ferretti, do curso de Geografia da UFSC; o professor Santiago Siqueira, da rede municipal de ensino; o vereador da cidade de Florianópolis, Lino Peres. Do Colégio de Aplicação, os professores Marcio Marchi e Tomás Fontan. Do PIBID, os estagiários Renata Bruckmann, Bárbara Eberhardt, Joana Tambke, Jonny Moraes e João Vitor Araújo.

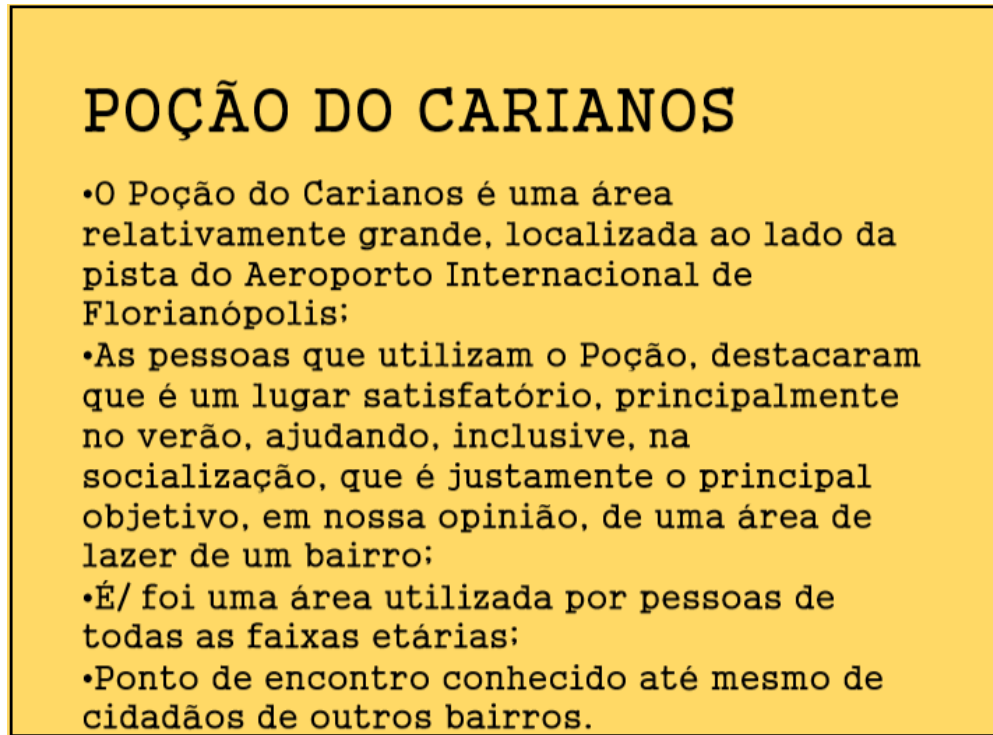
Dentre os 16 trabalhos apresentados, destacarei quatro para exemplificar a metodologia. Os trabalhos selecionados apresentam soluções proativas para os problemas que os alunos escolheram estudar.

O grupo das alunas Bianca, Daniela e Nicolý, da turma 3B, trabalhou no bairro Carianos. Foi identificada a falta de ciclovias na região, o crescimento da criminalidade, o descaso da Prefeitura com a limpeza e a ausência de áreas de lazer para os moradores e para a população em geral.

A temática escolhida para o trabalho foi a melhoria das condições de lazer no bairro. Inicialmente, apresentaram a pesquisa realizada sobre as condições socioeconômicas do local, os pontos referenciais: aeroporto, estádio de futebol e a Base Aérea de Florianópolis. As alunas se sentiram desafiadas a problematizar uma área no bairro conhecida como Poção dos Carianos (Figura 12), que conforme pesquisaram, há seis meses era um espaço público,

frequentado pelas pessoas do bairro e até por pessoas de outros locais, mas que tinha sido cercado e estava sendo guardado por um segurança particular armado que passou a impedir o acesso público.

Figura 12: Descrição do local a ser trabalhado.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Foram apresentadas lâminas ilustrativas do trabalho executado pelo grupo no seminário com a localização do bairro e da área através do Google Earth (Figura 13), levantamento fotográfico, gráficos com os resultados das entrevistas e principais ações do grupo.

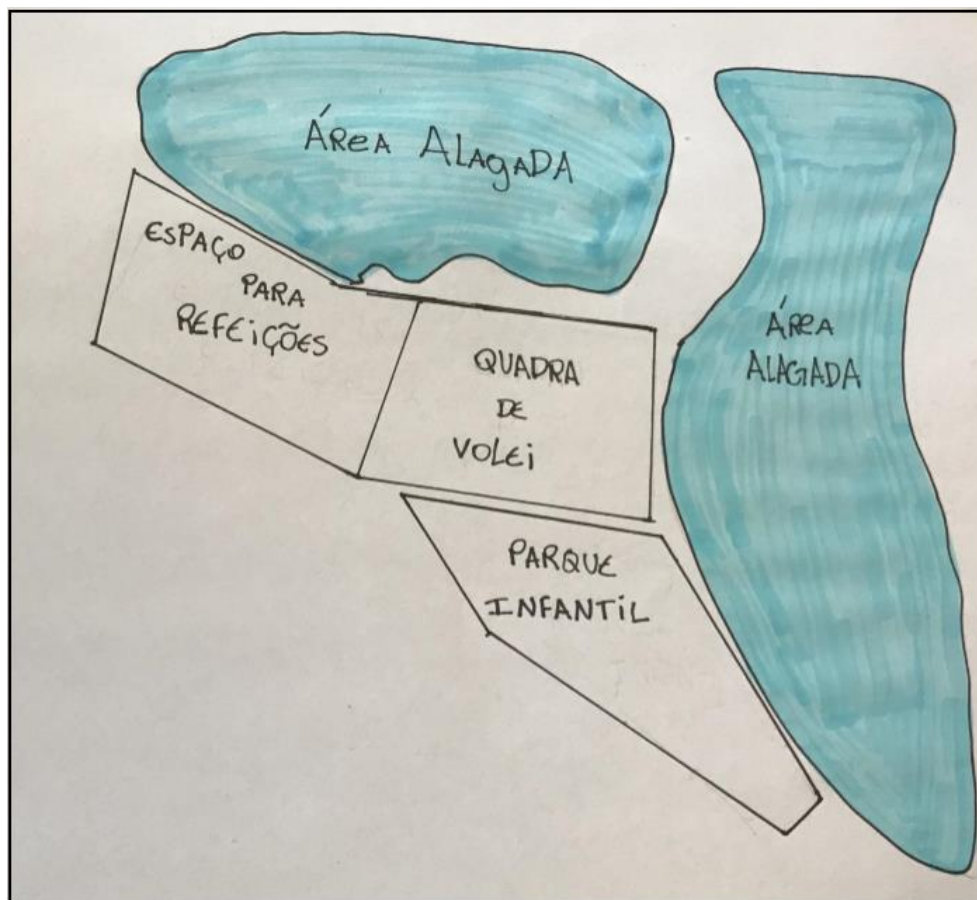
Figura 13: Usando o Google Earth para localizar o bairro.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017

Para saber a real situação da área, pública ou privada, o grupo saiu a campo entrevistando as pessoas do bairro, pesquisando nos órgãos de registros públicos e na Prefeitura a situação legal da área. A conclusão obtida foi de que a área não era nem pública e nem privada, portanto, área do Estado. A proposta do grupo foi fazer um abaixo-assinado para a desocupação irregular, a criação de uma campanha nas redes sociais para a mobilização de um maior número de moradores, agendamento de encontros no local, mesmo ocupado, para a limpeza da área e união com a Prefeitura para a retomada da posse pública do Poção do Carianos. O grupo também apresentou uma proposta de utilização do espaço (Figura 14).

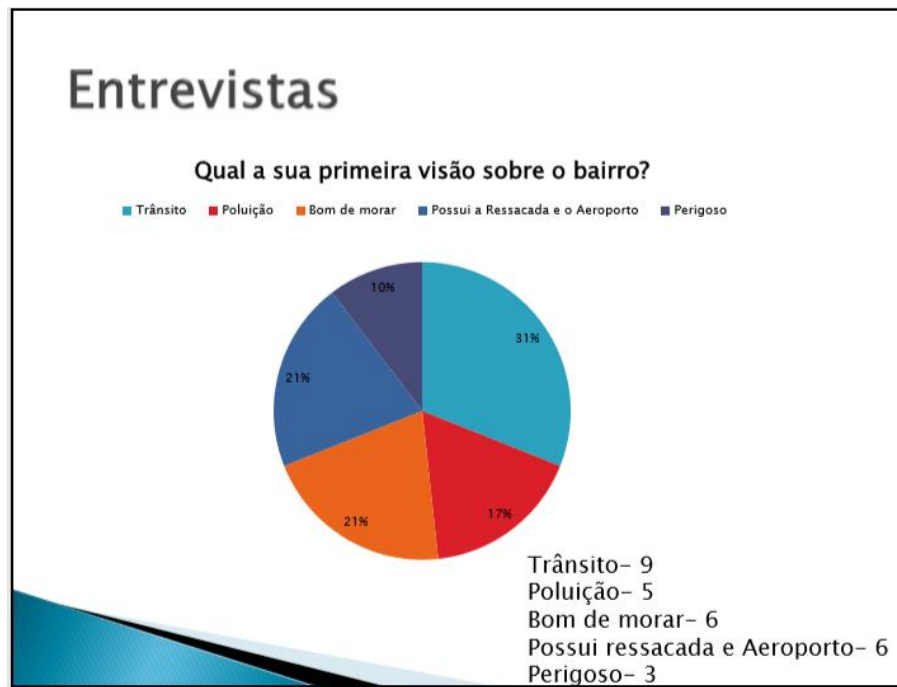
Figura 14: Croqui da proposta elaborado pelo grupo da área.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Assim como o grupo anterior, os alunos Fábio, José Guilherme e Lucas, também escolheram o bairro Carianos para a realização do trabalho. O grupo levantou dados sobre a situação socioeconômica do bairro, entrevistou moradores (Figura 15), e identificou potencialidades e problemas. Concluíram que os moradores eram unidos, o bairro residencial e que, pelos relatos, a violência e falta de segurança estavam aumentando, havia poucas possibilidades de diversão e muitos problemas de mobilidade. Eles optaram então por trabalhar a questão da mobilidade urbana.

Figura 15: Elaboração de gráfico a partir das entrevistas



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Para o desenvolvimento do tema, realizaram uma pesquisa da legislação vigente, levantaram dados fotográficos, de geoprocessamento, no Google Earth, sobre a evolução urbana do bairro no período de 1938 a 2016 (Figura 16), e buscaram informações na internet.

Figura 16: Google Earth com o uso de polígonos.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

O grupo avaliou o impacto por ocasião dos jogos de futebol que acontecem no estádio ali localizado, pois o mesmo comporta quase quatro vezes a população do bairro. Os moradores nessas ocasiões precisam esperar até três horas para sair ou chegar em suas casas, uma vez que os sentidos das vias públicas são alterados. Também se sentiram motivados pelo assunto “mobilidade urbana” ao entrevistarem Maikon Costa que, além de vice-presidente da associação de moradores, também é vereador da cidade. O vereador faz uso da bicicleta para se deslocar até o centro da cidade e relatou as dificuldades que enfrenta no trânsito.

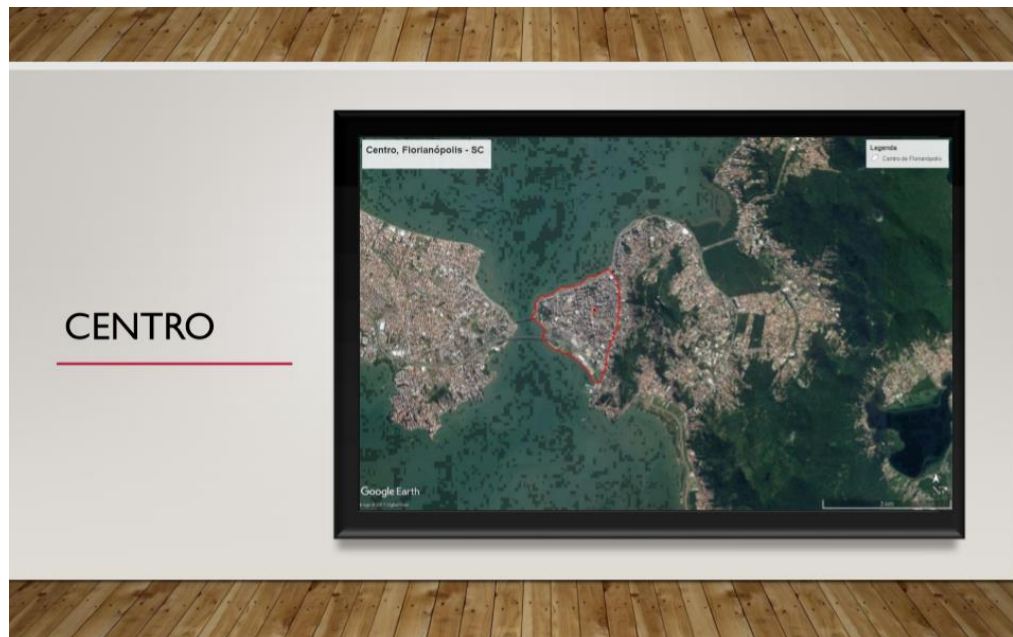
Figura 17: Página criada para comunicação com o público.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Também se destaca o grupo formado pelas alunas Beatriz, Helena e Monique Fernanda que escolheu trabalhar com o Centro. Localizaram o bairro utilizando o Google Earth (Figura 18), fizeram um levantamento de problemas como lixo nas ruas, violência, segurança, moradores de ruas e mobilidade urbana (Figura 19).

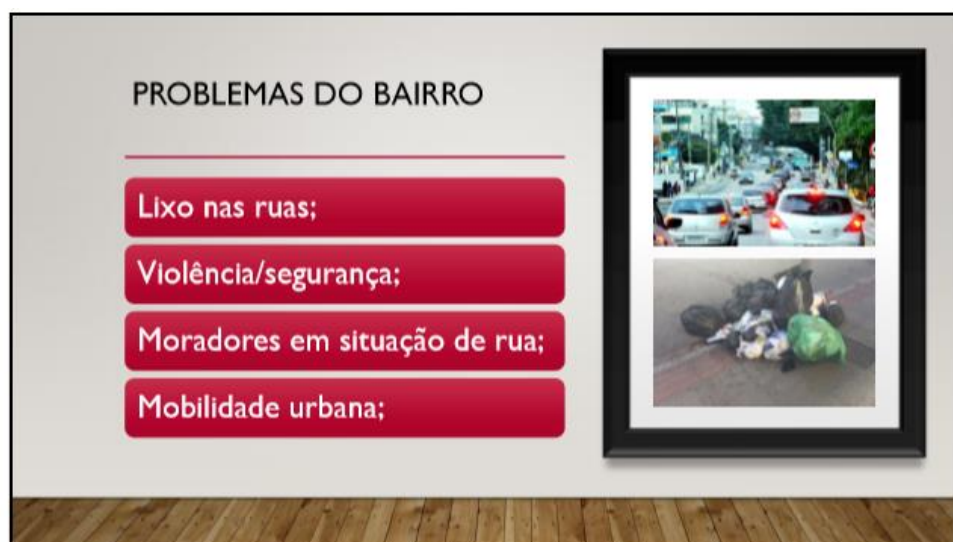
Figura 18: Localização do bairro no Google Earth.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Também observaram as potencialidades do local, como cultura, comércio, turismo e transporte. O grupo informou que desde o início o tema já estava escolhido: iriam trabalhar sobre a situação dos moradores de ruas, pois identificavam um grande preconceito da sociedade com relação a eles.

Figura 19: Problemas observados no bairro.

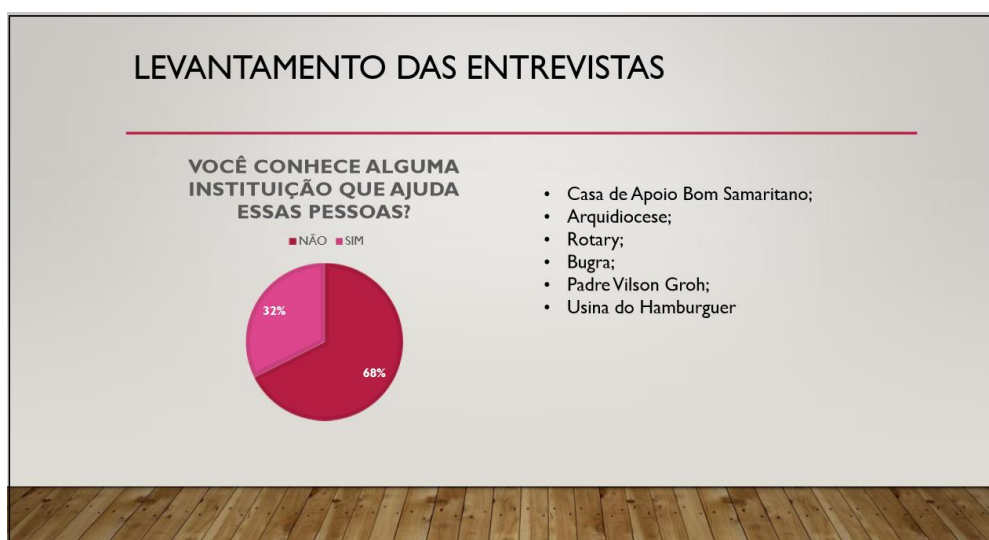


Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Fizeram uma ampla pesquisa sobre os direitos humanos, que garantem condições dignas para todos. O grupo entrevistou trinta e quatro

peças sobre a relação dos moradores de rua com a sociedade, sobre a atuação do governo para melhorar as condições de vida destes moradores e se os entrevistados conheciam ações que buscassem melhorar ou ajudar este segmento da população (Figura 20). Com os resultados, as alunas se questionaram sobre se os moradores de rua são um problema para a sociedade ou se é a sociedade que é um problema para os moradores de rua. Fizeram a leitura de um livro chamado *No Meio da Rua*³⁰, que trata do assunto, e concluíram que este não é um problema novo, que a rua é onde eles sobrevivem, que o problema seria a desigualdade e o menosprezo com que são tratados.

Figura 20: Gráfico construído a partir das entrevistas realizadas.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

A proposta do grupo foi então criar uma casa de acolhimento. Sugeriram um local, mas não souberam dizer se o local seria público ou privado e, conforme orientação da professora Sandra, conheceram um movimento chamado Traços Urbanos, formado por profissionais de diversas áreas que atuam em Florianópolis de forma voluntária e que tem um projeto com moradores de rua. O grupo marcou um encontro com representantes deste movimento. As alunas, inspiradas numa ação que existe em Barcelona e Praga, conseguiram

³⁰ BURSZTYN, Marcel. *No Meio da Rua*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. Disponível em: <<https://www.garamond.com.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

uma escola de inglês para dar aulas aos moradores de rua com a finalidade capacitá-los a trabalhar como guias turísticos na cidade. O grupo encerrou com uma das alunas recitando um *rap* do artista Gabriel, o Pensador, intitulado “O Resto do Mundo”, que narra as condições sociais dos cidadãos marginalizados. O trabalho das alunas foi assim finalizado sob aplausos dos colegas.

E, finalmente, o grupo das alunas Ana Carolina, Caroline e Maria Antônia, que escolheu trabalhar com o tema saneamento básico no bairro Lagoa da Conceição. Através do Google Earth e mapas existentes da região, fizeram um levantamento da lagoa e suas subdivisões (Figura 21). Alertaram para o fato de que, mesmo existindo legislação para áreas de Preservação Permanente, caso de lagos e lagoas naturais, muitos moradores construíram suas casas perto das margens, fora do limite que está estabelecido na lei e em desacordo também com o plano diretor da cidade.

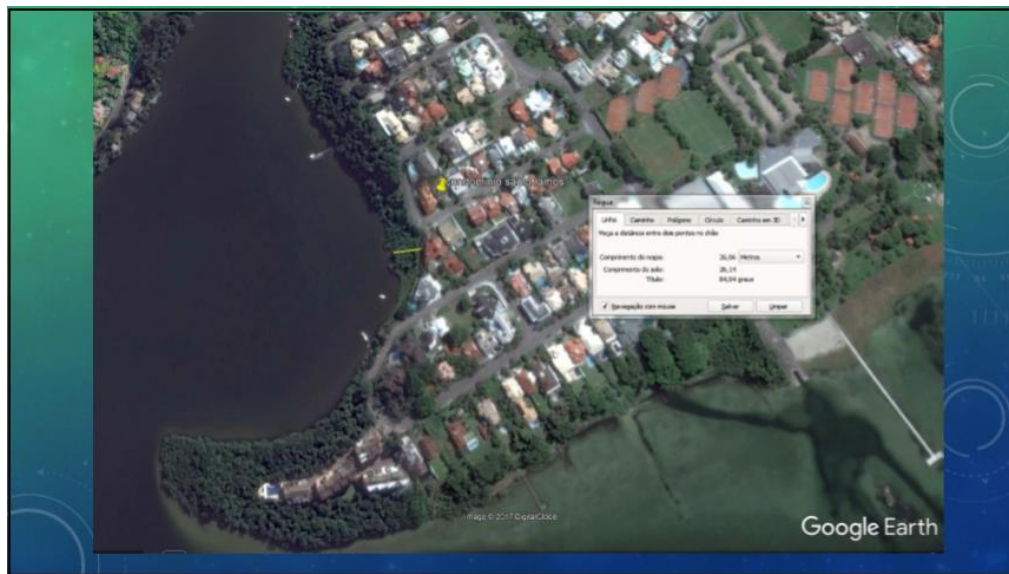
Figura 21: Localização do bairro utilizando o Google Earth.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Através do Google Earth, o grupo conseguiu demonstrar construções fora dos trinta metros de distância legais (Figura 22). Também relataram o histórico da ocupação dos espaços e, através de um levantamento fotográfico, identificaram a ocupação dos espaços até os dias atuais.

Figura 22: Imagem do Google mostra construção em desacordo com a legislação relação à margem da Lagoa.



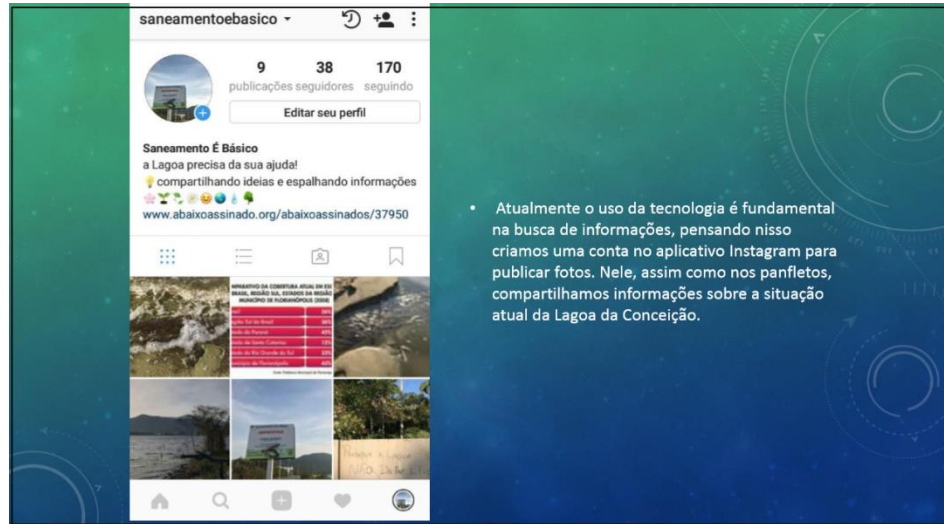
Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Enfatizaram a importância turística da Lagoa para o Estado, principalmente para os esportes náuticos e o descanso, até mesmo por parte dos moradores, no lançamento de poluentes sanitários diretamente nas águas. As alunas fizeram um importante levantamento sobre a legislação existente, a importância do saneamento para a saúde da população e para o meio ambiente. Levantaram dados e chegaram à conclusão de que no estado de Santa Catarina somente 12% das construções têm saneamento básico adequado, perdendo apenas para o estado do Piauí em todo o território nacional.

Foram feitas entrevistas com 45 pessoas e os resultados analisados e demonstrados em gráficos. Apresentaram reportagens da imprensa sobre as reclamações de moradores quanto à poluição local e um documento da CASAN - Companhia Catarinense de Águas e Saneamento - sobre obras de melhorias na Estação de Tratamento de Esgoto da Lagoa. Com base nos dados e nos altos valores necessários para acabar com o problema, propuseram ações de conscientização da população. Cartazes e panfletos com os dados do estudo que o grupo fez foram criados para alertar população sobre o problema que poderiam servir de base para ações coletivas, com a finalidade de pressionar a Prefeitura em busca de melhorias. O grupo criou um abaixo-assinado on-line,

por sugestão de um dos entrevistados, e também publicou fotos no aplicativo Instagram (Figura 23).

Figura 23: Publicação no Instagram.



Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação, 2017.

Os quatro trabalhos realizados pelos estudantes do Colégio de Aplicação da UFSC demonstram a eficiência do projeto Nós Propomos!, bem como a versatilidade do projeto que pode ser facilmente adaptado a qualquer realidade. É possível concluir, a partir da experiência dos alunos e do depoimento dos professores, que o aprofundamento teórico, a metodologia de iniciação científica com o trabalho de campo fortalece o engajamento social e é uma oportunidade de colocar em prática parte do que foi aprendido dentro de sala de aula. O bom preparo dos estudantes possibilita estimular o sentido da participação cidadã, responsável e ativa para além da escola, estimulando o envolvimento nos problemas de sua comunidade e também a boa experiência do projeto Nós Propomos!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas no presente trabalho e os dados obtidos, possibilitaram a descoberta de alguns aspectos da relação escola, professor, aluno e comunidade no tocante ao ensino médio de Geografia no Brasil.

As questões sociais de planejamento urbano, moradia, assim como as condições econômicas, são temas importantes da realidade sociopolítica abordadas no currículo escolar.

Também fica claro que as ferramentas tecnológicas disponíveis que usam a internet como plataforma para se desenvolverem, modificaram o trânsito das informações, com isso o espaço e o tempo ficaram acessíveis a todos em qualquer lugar, permitindo a disponibilização de conteúdos para pesquisas, o compartilhamento de ideias, a divulgação de ações educativas exitosas que podem ser trabalhadas em outros locais com a adaptação, se necessária, dos objetivos para a realidade local e que podem não só trazer benefícios para a comunidade escolar, mas para todas as outras comunidades do entorno. Essas práticas de ensino voltadas para a realidade do aluno podem despertar maior interesse e participação nas atividades propostas. É possível ressaltar a fundamental importância da formação de professores para que associem a fundamentação teórica à metodologia necessária para promover a educação dos jovens alunos como cidadãos conscientes ativos.

O estudo sobre a criação e implementação do Projeto Nós Propomos! como uma ferramenta de ensino-aprendizagem confirma que a disciplina de Geografia pode contribuir para a formação de cidadãos ativos, críticos e propositivos. O aluno tem a oportunidade de sair da sala de aula, abandonar as antigas técnicas de memorização e observar os espaços do seu entorno com um olhar atento e questionador. Aquilo que é um problema pode ser solucionado com a sua intervenção. Também como fator positivo, é possível destacar a interação de diversos agentes participando do projeto, desde o poder público e privado (no caso de Portugal), a comunidade e a universidade, que participa do projeto através de seus estudantes que atuam como estagiários de Geografia (no caso da UFSC e UFT), e que têm a experiência de trabalhar com uma prática inovadora, que vai qualificar estes que serão os futuros profissionais em educação. Os alunos são preparados na escola quando participam de oficinas,

palestras e seminários, e são constantemente incentivados por seus professores quando estes indicam leituras, formas de apresentação das pesquisas e como aproveitar as novas tecnologias. O trabalho em grupo também ensina a se organizar e a trocar experiências. E no final, a socialização de todas as suas práticas num seminário com todos os alunos participantes, professores, estagiários e convidados, onde as dificuldades, as superações, o aprendizado e a proposta para o tema escolhido são apresentados.

REFERÊNCIAS

BAZOLLI, João Aparecido. "Nós propomos" e a busca da inovação no campo da extensão universitária. In: BAZOLLI, João Aparecido et al (Org.). **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO INDUTORA À CIDADANIA: a experiência do "Nós propomos"**. Palmas: EDUFT, 2017a. p.15. Disponível em: <<http://fliphtml5.com/wskm/ltan>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

_____. "Nós propomos": multiplicidade de atores e diversidade na educação cidadã. In: BAZOLLI, João Aparecido et al (Org.). **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO INDUTORA À CIDADANIA: a experiência do "Nós propomos"**. Palmas: EDUFT, 2017b. p.54. Disponível em: <<http://fliphtml5.com/wskm/ltan>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. Secretaria Nacional da Juventude (Org.). **"Participatório: Observatório Participativo da Juventude"**: Temas da juventude e percepções do país. 2013. Disponível em: <http://bibjuventude.ibict.br/jspui/bitstream/192/91/1/SNJ_agenda_2013.pdf>. Acesso em: 5 set. 2018.

BRÜCKMANN, Renata; EBERHARDT, Bárbara. **Entrevista sobre Nós Propomos**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <brunospl@yahoo.com.br>. Em: 14 jun. 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena de; SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. Jogos e Resolução de Problemas Para o Entendimento do Espaço Geográfico no Ensino de Geografia. In: CALLAI, Helena Copetti et al (Org.). **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: Reflexão e Prática**. Ijuí: Unijuí, 2011. p.263.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Espaço Geográfico Escola e os Seus Arredores - descobertas e aprendizagens. In: CALLAI, Helena Copetti et al (Org.). **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: Reflexão e Prática**. Ijuí: Unijuí, 2011. p.65.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens Escolares e Suas Práticas Espaciais Cotidianas: o que isso tem a ver com as tarefas de ensinar Geografia? In: CALLAI, Helena Copetti et al (Org.). **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: Reflexão e Prática**. Ijuí: Unijuí, 2011

CLAUDINO, Sérgio. **XIII Colóquio Internacional de Geocrítica El control del espacio y los espacios de control Barcelona: ESCOLA, EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E CIDADANIA TERRITORIAL**. 2014. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2014/Sergio%20Claudino.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

_____. **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, TRABALHO DE CAMPO E CIDADANIA: TRABALHO DE CAMPO PARA CIDADANIA**. 2016a. p.3. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B0JyPoaa7SRGX3d2MjF2dFNmMmM/view>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

_____. **PROJETO NÓS PROPOMOS! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica: Breve apresentação**. 2016b. Disponível em: <<http://vitraldigital.com/nos-propomos/>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

_____. **Nós Propomos**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <brunospl@yahoo.com.br>. Em: 21 maio 2018.

MESQUITA, Zilé. Sobre Diferenças no Ensino: Algumas Outras Palavras. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHAFFER, Neiva

Otero. **Geografia em sala de aula práticas e reflexões**. 4. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 1998. p. 155.

NUNES, Sérgio Claudino L.; MENDONÇA, Sandra. "Nós propomos": uma proposta alternativa de educação geográfica na Iberoamérica. In: BAZOLLI, João Aparecido et al (Org.). **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO INDUTORA À CIDADANIA: a experiência do "Nós propomos"**. Palmas: EDUFT, 2017. p.108. Disponível em: <<http://fliphtml5.com/wskm/ltan>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigo. **CONSTRUIR UMA DIDÁTICA DA GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA: entre linguagem cartográfica, cultura, saberes e práticas docentes**. In: CALLAI, Helena Copetti et al (Org.). **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: Reflexão e Prática**. Ijuí: Unijuí, 2011. p.168.

PORTUGAL. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território-IGOT. Universidade de Lisboa (Ed.). **PROJETO NÓS PROPOMOS! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica: PROJETO NÓS PROPOMOS!**. 2016/17. Disponível em: <<http://www.igot.ulisboa.pt/projeto-nos-propomos/>>. Acesso em: 5 set. 2018.

PORTUGAL. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território IGOT. Universidade de Lisboa (Org.). **PROJETO NÓS PROPOMOS! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica: Projeto Nós Propomos!** 2017/18. Disponível em: <http://www.igot.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2017/07/Regulamento-Projeto-N%C3%B3s-Propomos-2017_18.pdf>. Acesso em: 5 set. 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

APÊNDICE A – Relação dos trabalhos realizados pelos grupos dos alunos participantes do Projeto Nós Propomos no Colégio de Aplicação em 2017.

TURMA 3A		
Grupo	Bairro	Tema
Camila Beirão, Gabrielly Cabral, Mayara Freitas e Yasmin	Pantanal	Mobilidade
Bruna Pinheiro, Carolina Laureano, Laura Vivian, Maria Clara Prates e Marina Bueno	Itacurubi	Mangue
Maria Eduarda Arnez, Joana Milan, Gabriel Goes, Luiza Hoffman e Laura Maria	Trindade	Praça Santos Dumont
Ana Carolina Agostinho, Carolina Santos e Maria Antônia Lopes	Lagoa da Conceição	Saneamento Básico
André, Lucas Cardoso e Marcos	Carianos	Lazer
Beatriz, Helena Soares e Monique	Centro	Moradores em situação de rua
Gabriel B, Arthur, Eduardo e João	João Paulo	Elitização e urbanização
Leandro, Emanuel, Julio e Samir	Lagoa da Conceição	Mobilidade

TURMA 3B		
Grupo	Bairro	Tema
Bianca Reis, Daniele Dias e Nicolly	Carianos	Lazer
Beatriz K, Eduarda Vieira, Luana Cardoso, Jéssica Quint e lully	Centro	Moradores em situação de rua
Bruno, Gabriel, Igor e Pedro	Campeche	Pontos de ônibus
Heloísa, Isadora, Ramon e Tadeu	Córrego Grande	Áreas de lazer
Isabella, Giuliana, Maria Seabra e Myriene	Carvoeira	Segurança
Emanuel Henrique, Augusto, Vítor Hugo e Anderson	Lagoa da Conceição	Espaço das Rendeiras

Bianca, Flávia Santos, Júlia Mengue e Sabrina B.	Carianos	Lazer
--	----------	-------

TURMA 3C		
Grupo	Bairro	Tema
Aline Castellar, Jéssica C., Maria Eduarda Pereira e Mariana Feltrin	Carianos	Lazer
Ana Luiza Barcelos, Gabriela de Moura, Gabriela Nascimento, Julia Batista e Érica	Campeche	Lixo
Bárbara, Greicy e Jenniffer	Saco dos Limões	Segurança
Ronaldo, Gabriel Garcia e Óberti	Coqueiros	Calçadas públicas
Ninna Ágatha, Pedro Campos e Pedro Davi	Trindade	Envelhecimento
Felipe Miguel, Lucas Pazin e Natália Kilpp	Pantanal	Ciclovias
Fábio Barbosa, José e Lucas Ignácio	Carianos	Mobilidade Urbana
Emanuela, Gabriel Lemos, Lucas Feliciano, Luiza Lopes e Maria Eduarda M.	Lagoa da Conceição	Poluição